Quero obter os direitos dos estadunidenses que nos prejudicaram | Carta semanal 51 (2021)



LLatif al-Ani (Iraque), Festividades *Eid em Bagdá*, 1959.

Saudações do Instituto **Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 12 de julho de 2007, dois helicópteros US AH-64 Apache dispararam tiros de canhão de 30 milímetros contra um grupo de civis iraquianos em Nova Bagdá. Essa artilharia do Exército dos EUA assassinou pelo menos uma dúzia de pessoas, incluindo o fotógrafo da Reuters, Namir Noor-Eldeen, e seu motorista Saeed Chmagh. A Reuters imediatamente pediu que os EUA conduzissem uma investigação sobre o assassinato. Em vez disso, foi alimentada a história oficial do governo dos EUA de que soldados da Bravo Company, infantaria 2-16, foram atacados por armas de fogo como parte da Operação Ilaaj no bairro de al-Amin al-Thaniyah. Os soldados convocaram ataques aéreos, que limparam as ruas de insurgentes. A Reuters teve informações de que os helicópteros filmaram o ataque e, por isso, a agência **solicitou o vídeo** aos militares estadunidenses. Os Estados Unidos recusaram, alegando que tal vídeo não existia.



Hanaa Malallah (Iraque), *Ela/ele não tem foto* (detalhe), 2019.

Dois anos depois, o repórter do *Washington Post*, David Finkel, publicou *The Good Soldiers*, um livro baseado em sua época no batalhão 2-16. Finkel estava com os soldados no bairro de al-Amin al-Thaniyah quando ouviu os helicópteros Apache em ação. Ele defendeu os militares dos EUA, escrevendo que "a tripulação Apache seguiu as regras" e que "todos agiram de maneira adequada". Os soldados, escreveu Finkel, eram "bons soldados e havia chegado a hora". Em sua narrativa, Finkel deixou claro que assistiu a um vídeo do incidente, mesmo quando o governo dos Estados Unidos negou sua existência à Reuters e a organizações de direitos humanos.

Em 5 de janeiro de 2010, Chelsea Manning, um soldado dos EUA no Iraque, baixou uma enorme quantidade de documentos e vídeos relativos à guerra em CDs e os levou de volta com ela para os Estados Unidos. Em 21 de fevereiro de 2010, Manning repassou o material relacionado ao Iraque para a organização WikiLeaks, que havia sido criada em 2006 por um grupo de pessoas engajadas e era liderado por um cidadão australiano chamado Julian Assange. WikiLeaks e Assange analisaram as imagens e publicaram o vídeo completo dos helicópteros Apache em seu **site** sob o título "Assassinato colateral", em 5 de abril de 2010.

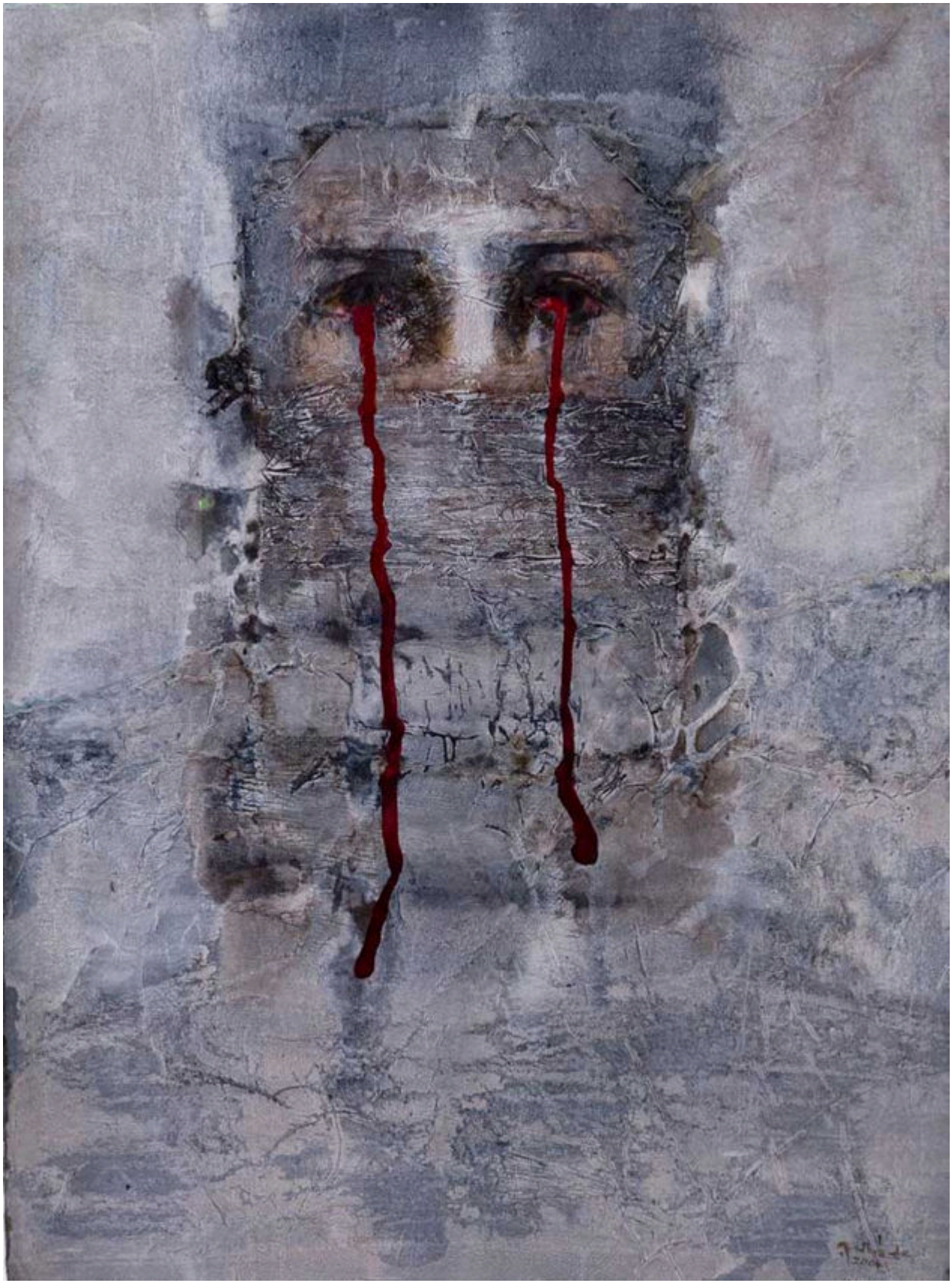
WikiLeaks, *Assassinato colateral*, 2007.

O vídeo é horrível e mostra a terrível desumanidade dos pilotos. As pessoas no solo não disparavam contra ninguém, mas os pilotos atiraram indiscriminadamente. "Olhe para aqueles bastardos mortos", diz um deles; "Legal", diz outro depois de atirar contra os civis. Saleh Mutashar Tuman, um motorista de van, entra no local, para e sai para ajudar os feridos, incluindo Saeed Chmagh. Os pilotos pedem permissão para atirar na van; eles recebem autorização rapidamente e começam a abrir fogo. Minutos depois, o especialista do exército Ethan McCord – parte do batalhão 2-16 no qual Finkel estava inserido – examina a cena do solo. Em 2010, **McCord disse** a Kim Zetter, da *Wired,* o que ele havia testemunhado: "Eu nunca vi ninguém sendo baleado por uma bala de 30 milímetros antes. Não parecia real, no sentido de que não se parecia com seres humanos. Eles foram destruídos".

Na van, McCord e os outros soldados encontraram Sajad Mutashar (de 10 anos) e Doaha Mutashar (de 5 anos) gravemente feridos; seu pai, Saleh, estava morto no chão. No vídeo, o piloto viu que havia crianças na van; "Bem", **ele disse** insensivelmente, "a culpa é deles por trazerem crianças para uma batalha". Quando o WikiLeaks lançou o vídeo, **Sajad Mutashar, de 12 anos, disse**: "Quero obter nossos direitos dos estadunidenses que nos prejudicaram". Sua mãe, **Ahlam Abdelhussein Tuman, disse** que "gostaria que o povo estadunidense e o mundo inteiro entendessem o que aconteceu aqui no Iraque. Perdemos nosso país e nossas vidas foram destruídas". Eles foram recebidos com silêncio. Sajad, que se recuperou parcialmente dos

ferimentos, foi morto por um carro-bomba em Bagdá em março de 2021.

Robert Gibbs, secretário de imprensa do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, **disse** em abril de 2010 que os eventos retratados no vídeo foram "extremamente trágicos". Mas o segredo já estava exposto. O vídeo mostrou ao mundo o verdadeiro caráter da guerra dos Estados Unidos no Iraque, o que o secretário-geral das Nações Unidas, **Kofi Annan, chamou de ilegal**. Nem o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, nem o primeiro-ministro do Reino Unido, Tony Blair, tiveram que responder à acusação de ilegalidade de sua guerra contra o Iraque, embora, em 2008, o jornalista iraquiano **Muntadhar al-Zaidi tenha atirado seu sapato em Bush** em Bagdá, aos dizeres "isso é um beijo de despedida do povo iraquiano, seu cachorro", e o cineasta **David Lawley-Wakelin tenha interrompido o depoimento de Blair** no inquérito Leveson em 2012 para chamá-lo de criminoso de guerra.



Ali Talib (Iraque), *Mesopotâmia*, 2004.

Quando o WikiLeaks e Assange divulgaram esse vídeo, eles constrangeram o governo dos Estados Unidos. Todas as suas reivindicações de guerra humanitária perderam credibilidade. Foi a partir daí que o governo dos Estados Unidos – seja sob o comando de Obama, Trump ou Biden – procurou punir Assange. Assange teve que ser trazido para os Estados Unidos e jogado na prisão. Ninguém teria permissão para se safar revelando a verdade sobre a guerra belicista dos Estados Unidos.

Em 2019, o governo do Equador expulsou Assange de seu refúgio na embaixada de Londres e o entregou às autoridades britânicas. Poucos dias depois, **o governo britânico explicou** por que o fundador do WikiLeaks estava sentado na prisão de Belmarsh: "Podemos confirmar que Julian Assange foi preso em relação a um pedido provisório de extradição dos Estados Unidos da América. Ele é acusado nos EUA de crimes relacionados a informática". O **Departamento de Justiça dos EUA** afirma que Assange era procurado por uma "conspiração hacker". Mas Assange não invadiu nenhum computador. O material foi coletado por Chelsea Manning, que o repassou ao WikiLeaks, que o publicou junto com diversos veículos de comunicação. Assange é jornalista e editor, não um hacker. É o jornalismo que está sendo punido aqui.

É por isso que oito veículos de imprensa de todo o mundo se uniram para publicar uma declaração sobre a recente decisão do tribunal britânico que autoriza que Assange seja extraditado para os Estados Unidos. Essa **declaração** está abaixo:

> Em 10 de dezembro, Dia dos Direitos Humanos, um tribunal britânico proferiu um veredito que abre caminho para a extradição para os Estados Unidos do jornalista e editor Julian Assange. Se a extradição for aprovada, Assange enfrentará processo criminal nos Estados Unidos, inclusive sob a infame Lei de Espionagem. Se for condenado, o australiano poderá passar o resto de sua vida na prisão.
>
> Julian Assange e sua organização, a WikiLeaks, publicaram informações valiosas recebidas de denunciantes como Chelsea Manning, que relatou crimes de guerra e atrocidades cometidas pelos EUA no Iraque e Afeganistão. Isso inclui "Collateral Murder", vídeo horripilante que mostra militares dos EUA matando civis iraquianos, incluindo dois jornalistas. As revelações do WikiLeaks também expuseram corrupção e violações dos direitos humanos por governos em todo o mundo, e esses relatórios foram publicados e citados por organizações de mídia de diferentes países.
>
> É pelo crime de jornalismo que Julian Assange é perseguido há mais de uma década. Ele é o primeiro editor a ser acusado pela Lei de Espionagem. O governo dos Estados Unidos e seus aliados em todo o mundo recusaram-se a aceitar o fato de que Assange é um jornalista. A perseguição de Julian Assange é, portanto, um atentado fundamental ao jornalismo, à liberdade de imprensa e à liberdade de expressão.
>
> Nós, os meios de comunicação abaixo assinados, rejeitamos e denunciamos este ataque a Julian Assange e ao jornalismo. A liberdade de imprensa permanecerá sendo uma frase vazia enquanto Julian Assange e o WikiLeaks continuarem a ser perseguidos.

ARG Medios, Brasil de Fato, BreakThrough News, Madaar, NewsClick, New Frame, Pan African TV, Peoples Dispatch



Em 2004, a artista iraquiana, Nuha al-Radi, morreu de leucemia causada pelo urânio empobrecido que os Estados Unidos usavam no Iraque. Seu cativante livro, *Baghdad Diaries: A Woman's Chronicle of War and Exile*

(2003), fala sobre o sofrimento suportado por todos os seres vivos em sua Bagdá nativa durante o bombardeio dos Estados Unidos no Iraque em 1991: "Os pássaros levaram a pior surra de tudo. Eles têm almas sensíveis que não podem suportar todo esse barulho e vibração horríveis. Todos os pássaros do amor enjaulados morreram com o choque das explosões, enquanto os pássaros na selva voam de cabeça para baixo e dão cambalhotas loucas. Centenas, senão milhares, morreram no pomar. Sobreviventes solitários voam distraídos".

Em 28 de janeiro de 2007, alguns meses antes de ser morto pelo helicóptero Apache, do Exército dos EUA, Namir Noor-Eldeen foi para uma escola secundária no distrito de Adil, em Bagdá, onde um ataque de morteiro matou cinco alunos. Noor-Eldeen tirou a **fotografia** de um menino passando por uma poça de sangue com uma bola de futebol debaixo do braço. Ao lado do sangue vermelho brilhante estão alguns livros escolares amarrotados. Foi o olhar humano de Noor-Eldeen que tirou esta foto poderosa do que se tornou normal no Iraque. Isso é o que a guerra ilegal dos EUA fez ao seu país.

Assange, que publicou a história sobre a morte de Noor-Eldeen, está sentado em sua cela, esperando para ser extraditado. Após o veredicto do tribunal superior, o jornalista **John Pilger** observou: "Recentemente, passei pela mansão de 8 milhões de libras de Tony Blair na Connaught Square de Londres. Fica a uma hora de uma viagem desoladora até a prisão de Belmarsh, onde Julian Assange "vive" em uma pequena cela. Esse é o Natal britânico 2021: o criminoso de guerra é recompensado, o narrador da verdade é punido, talvez até a morte".

Cordialmente,

Vijay.